



**ARTIGO DE REVISÃO**

**ENTRE O NATURALISMO E A HERMENÊUTICA:  
UMA ABORDAGEM CONCEITUAL E  
EPISTEMOLÓGICA DA NATUROLOGIA**

***BETWEEN NATURALISM AND HERMENEUTICS:  
A CONCEPTUAL AND EPISTEMOLOGIC  
APPROACH OF NATUROLOGY***

**RESUMO**

Estabelecer os fundamentos conceituais e epistemológicos da Naturologia apresenta-se como um dos pontos mais importantes para que este campo de conhecimento seja popularmente reconhecido e estimulado dentro de nossa sociedade, cultura e política nacional. A Naturologia apenas poderá trilhar um caminho seguro e próspero se conseguir, de forma absoluta, provar sua validade, eficiência e valor ao lado dos campos de conhecimentos já estabelecidos. Neste artigo desenvolvo a tese de que a Naturologia, em sua atividade teórica e prática, como uma tecnologia em saúde, exige epistemologias distintas. Esta característica torna a Naturologia uma área peculiar e contemporânea dentro das tecnologias em saúde. Estas duas epistemologias reunirão de um lado a relação íntima e irredutível da Naturologia com a ciência, vale dizer, seu caráter tecnológico e não técnico e, por outro lado, no momento da interagência, sua prática exigirá uma abordagem de caráter interpretativo, pautada em outro *ethos*, já que reconhece os limites do método naturalista ao lidar com os fenômenos humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Naturologia.  
Tecnologia em saúde.  
Epistemologia.

**Letícia Lenzi**

- Bacharel em Naturologia Aplicada pela UNISUL; Bacharel e Licenciatura Plena em Filosofia pela UFSC; Especialista em Acupuntura pelo CIEPH e Mestre em Filosofia pela UFSC. Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC. Professora do IFC – Campus Camboriú.

DOI: 10.19177/cntc.v6e10201797-109

**CORRESPONDENTE:**

**Letícia Lenzi**

Rua Sotero José de Farias, 493,  
Rio Tavares, Florianópolis  
– SC. CEP: 88048417

**E-MAIL:**

**leticia.lenzi@ifc.edu.br**

**Recebido:** 12/06/2017

**Aprovado:** 26/06/2017

## ABSTRACT

Establishing the epistemological foundations of Naturology is one of the most important points to recognize and encourage its services in our society, culture and national health policies. The Naturology can only tread a safe and prosperous path if we can prove its validity, efficiency and value along with the fields of knowledge already established in our culture. In this article I develop the thesis that Naturology in its theoretical and practical activity, as a health technology, requires different epistemologies. This feature makes the Naturology a peculiar and quite contemporary area within the health technologies. These two epistemologies meet on the one hand the intimate and irreducible relationship of Naturology with Science, that is, its technological and non-technical characteristic, and on the other hand, at the time of interagency, its practice will require interpretative character approach, based on another *ethos*, as it recognizes the limits of naturalistic method in dealing with the human phenomena.

**Keywords:** Naturology. Health technology. Epistemology.

## INTRODUÇÃO

A institucionalização do curso de graduação em Naturologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL e seu reconhecimento pelo Ministério da Educação – MEC, fez nascer o interesse em sua expansão e consolidação em outras instituições de educação superior no Brasil. A Naturologia, em seus primeiros anos foi capaz de superar grandes desafios mostrando sua relevância e importante contribuição para a sociedade e para as ciências da saúde, principalmente no que toca à valorização de outras racionalidades médicas e práticas terapêuticas direcionadas à promoção da saúde.

O aumento expressivo do reconhecimento do naturólogo acompanha, senão procede inteiramente, da atual necessidade da construção de um conhecimento seguro e rigoroso sobre a utilização das Práticas Complementares e Integrativas (PIC) no país. A crescente busca por métodos terapêuticos não ortodoxos por um grande número de pessoas exige a formação de um profissional competente que possa oferecer tratamento complementar efetivo em balanço com os meios convencionais necessários. A grande dificuldade para a efetivação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no país é justamente a carência de instituições e programas estruturados que formem profissionais praticantes de outras formas de racionalidades médicas ou tradições te-

rapêuticas, adequadas aos princípios do SUS e da Saúde Coletiva<sup>1</sup>.

Embora seja notável o avanço e o grande amadurecimento desta área do conhecimento na última década, nota-se ainda certa carência de bases conceituais e epistemológicas bem delineadas que devem nortear a práxis do profissional naturólogo, sobretudo, esclarecer o seu papel em um novo modelo de saúde pública que aspiramos construir, centrado não unicamente em métodos de intervenção descontínua, mas no desenvolvimento de programas genuinamente preventivos e de promoção à saúde. A Naturologia necessita criar bases teóricas sólidas que evidenciem suas especificidades conceituais e epistemológicas frente às demais áreas do conhecimento, motivo pelo qual escrevi o presente artigo, tendo como intuito favorecer e contribuir com os debates e reflexões a respeito dos fundamentos teóricos das tecnologias em saúde coletiva.

## O ENFOQUE CONCEITUAL

Quando dizemos que somos “naturólogos” ou que somos estudantes de um curso chamado de “Naturologia”, é muito comum sermos questionados sobre o seu significado. Outras vezes notamos certa expressão de estranhamento das pessoas ao se depararem com tal termo, algo natural por ser uma profissão relativamente nova, atuando de forma ainda muito

restrita. Porém, por outro lado, diz respeito à reunião de dois conceitos triviais e que por si só não explicam o que a Naturologia de fato é. Desta forma, o problema conceitual é a primeira questão que requer esclarecimento, muito embora a compreensão genuína de seu sentido necessite uma abordagem das bases históricas, além dos objetivos e métodos deste importante campo do conhecimento dentro da área da saúde.

Em nossa busca por uma definição do conceito, convém iniciarmos por uma reflexão acerca de sua etimologia. A origem dos conceitos muitas vezes oferece um norte para a compreensão do seu sentido. Naturologia é um conceito composto de dois termos, *natura*, termo proveniente do latim que designa natureza e *logia*, do grego *logos*, que pode ser traduzido como palavra ou discurso racional, isto é, *um discurso em que razões são dadas*. Visto desta forma, ao pé da letra, *naturo-logia* é um discurso racional sobre a natureza. Como se pode perceber, o significado etimológico deste conceito não nos define coisa alguma, afinal existe outros conceitos que designam o mesmo, como Física (do termo *physis*, natureza em grego), ou *fisio-logia*, o estudo da *physis*, por exemplo. Desta forma, cabe a nós clarificarmos o significado da relação entre natureza e conhecimento racional dentro de um novo contexto que queremos estabelecer.

Como vimos, o termo *logia* determina a Naturologia como *um campo de conhecimento*. A Naturologia é, portanto, uma área do saber. Por ora, vale ressaltar que este conhecimento, como *logos*, deve ser *racional* na medida em que possui um conteúdo comunicável, acessível à compreensão intersubjetiva, isto é, um corpo de conhecimento articulado de forma lógica, contendo conceitos, proposições, teorias, raciocínios sistemáticos e, sobretudo, *regras*, e não coberto por sensações, dogmas ou opiniões. Outro aspecto de sua racionalidade está na promoção de conhecimento sobre métodos e tecnologias tradicionais e modernas *eficientes*, isto é, seguros e confiáveis, que primam o objetivo de manter ou restabelecer a saúde dos seres humanos.

A natureza, por sua vez, ao qual o termo *natura* faz alusão corresponde à totalidade dos recursos

naturais utilizados pelo naturólogo para seus fins terapêuticos como a água, as ervas e algas, as cores, as gemas, o barro, entre muitos outros. Também devem ser incluídos na categoria de recursos naturais aqueles recursos brutos que foram submetidos a processos de manipulação, como por exemplo, os óleos essenciais, os florais, a argila em pó. Na classificação que sugiro aqui, estes recursos manipulados ainda assumem o *status* de recursos naturais por guardarem as características bioquímicas próprias de sua fonte original, ou pelo fato de não serem produtos estritamente sintéticos, isto é, obtidos através de uma síntese que produz algo diferente daquilo que pode ser encontrado na natureza. De acordo com as reflexões precedentes podemos definir, ao menos de forma preliminar, o conceito de Naturologia como: *um campo de conhecimento referente à utilização eficiente de recursos naturais para fins terapêuticos, para a promoção, manutenção ou recuperação da saúde*.

A definição da Naturologia que acabo de sugerir deve ser compreendida como uma definição utilitária, que reconhece a *natura* como um conjunto de recursos naturais úteis à disposição do homem para explorá-los em benefício de sua saúde. Esta definição não está equivocada e corresponde, a meu ver, em grande medida à prática naturoológica. No entanto, embora necessária, esta definição não é suficiente. Para compreendermos o significado da Naturologia em sua essência, é necessário fazer referência ao entendimento da Saúde Humana em que esta área do saber está enraizada, sendo possível, desta maneira, adentrarmos em seu significado não utilitário e ainda mais fundamental, qual seja, o *estudo da saúde humana compreendida na relação harmônica do homem consigo mesmo e com seu meio ambiente natural e social*.

O entendimento do senso comum a respeito da noção de doença e que advém, em grande medida, do paradigma alopático ocidental, é a de que a enfermidade corresponde a uma alteração anatomo-fisiológica, que de acordo com a ortodoxia biomédica, pode ser detectada através de exames bioquímicos ou de imagem. Canguilhem, em seu

livro “Normal e o Patológico” (2009) refere-se a esta concepção de representação ontológica da doença como um caráter organicista (bioquímico), local e mecanicista (em termos de relações causais lineares). Por conseguinte, o objeto de conhecimento da medicina tornou-se a patologia, tomada como realidade objetiva, e o objetivo da clínica, por conseguinte, o combate e a eliminação dessa realidade. Assim, a doença é vista como um evento isolado, alheio ao cotidiano das pessoas.

Em outra direção, a Naturologia não considera a “doença”, no sentido ontológico descrito acima, mas como um estado de alteração do *equilíbrio dinâmico* do homem e seu meio natural e social. Isto quer dizer que, de uma forma geral, ser saudável é sentir-se bem fisicamente, mentalmente, emocionalmente, apto a enfrentar as oscilações dramáticas do meio externo e interno, agressões ou conflitos que o meio social e natural nos apresenta eventualmente. Para isso, é necessário dispor de bens naturais e materiais primários de desenvolvimento humano (água potável, saneamento básico, ar puro, etc), estar adequado aos ritmos orgânicos e ambientais, participar de um convívio social equilibrado que possibilite o desenvolvimento de nosso ser de forma integral. Em um estado de saúde, não há aparecimento de sinais e sintomas adversos e o ser goza de um estado de satisfação com a vida, o que usualmente chamamos de bem estar. Obviamente a Saúde deve ser concebida em sua complexidade, pois não é um fenômeno linear e determinante. Mas o que sabemos é que o aparecimento de sinais e sintomas, enfermidades ou sofrimentos são sempre entendidos pelo naturólogo não como um processo isolado, mas como um desajuste ou um desequilíbrio que age prioritariamente a nível bioenergético. A proposta da Naturologia será sempre investigar as causas destes fatores de desequilíbrio, tratar de mitigá-los e propor meios eficientes para fortalecer o indivíduo e favorecer sua natural *capacidade de autorreparação*. Como consequência, o estado desejável de bem estar que chamamos de saúde, não como algo que se conquista, mas um estado que se deseja manter e preservar.

O naturólogo, portanto, deverá ter amplo conhecimento sobre os aspectos bioenergéticos que regem o funcionamento harmônico do homem em seu meio natural e social. Deverá, em primeira instância, conhecer os mecanismos fisiológicos bioenergéticos (desenvolvidos pelas medicinas tradicionais) e saber interpretar seus desequilíbrios a fim de propor um tratamento efetivo através das práticas naturais. Neste momento, é imprescindível que tenhamos claro, além da definição utilitária da Naturologia, esta definição ainda mais fundamental, qual seja, de que a *Naturologia é um campo de conhecimento que estuda a relação harmônica e dinâmica do homem em seu meio natural e cultural, com o objetivo de promover, manter ou restabelecer a saúde, utilizando recursos naturais e Práticas Integrativas e Complementares, tradicionais e modernas eficientes.*

### **A SAÚDE COMO HIGIENE E CAPACIDADE DE AUTORREPARAÇÃO**

Esta concepção peculiar dos processos de saúde e doença que acabo de mencionar separa qualitativamente a Naturologia de qualquer especialidade biomédica possível. Embora a Naturologia se aproprie de técnicas médicas tradicionais bioenergéticas, sobretudo a chinesa e a ayurvédica, distancia-se absolutamente do que entendemos por medicina, ao menos pela forma que esta se desenvolveu a partir do modelo biomédico, cientificista e mecanicista dos últimos quatro séculos no ocidente.

Para expor tal distinção, remontamos a figura de Hipócrates, que distinguiu claramente o conceito de *Higiene*. Este termo, que provém do grego *hygiainein*, significa *tratar*, bastante distinto, em essência, da medicina moderna, cujo significado de tratamento está na *intervenção*, quase sempre medicamentosa. A Higiene tem por objetivo *cuidar* enquanto a intervenção, *curar*. Em termos de curiosidade, Higiene possui o mesmo radical que *Hygéia*, deusa da saúde na mitologia grega, ligada não à cura, mas ao constante cuidado da saúde e práticas preventivas de saneamento. Logo, a higiene não é traumática e descontínua, mas uma prática de *manipulação continuada*.

Levando a cabo tal distinção, devemos estabelecer a Naturologia como um campo de conhecimento ligado à *higienização*, envolvendo técnicas de saneamento, prevenção, educação e saúde. É isto que justifica dentro da Naturologia estudos de técnicas corporais, trofoterapia, musicoterapia, geoterapia, massoterapia, arteterapia, entre outras. Todas estas terapias são técnicas de manipulação constante da integridade individual e não técnicas de intervenção descontínua. Desta forma, a Naturologia não é medicina em nenhum sentido da palavra. “Ela não busca curar, senão tratar ou cuidar, embora não exclua sua possibilidade, assim como a medicina procura curar sem excluir de todas as possibilidades de cuidado”. De acordo com as palavras de Silva (2004), a Naturologia estabelece para si uma teoria rigorosa em higiene capaz de determinar a saúde em sua continuidade e manipulá-la qualitativamente.

As tradições médicas da Grécia antiga, assim como a chinesa e a ayurvédica têm em comum esta concepção de saúde que a Naturologia empresta, centrada na noção de *equilíbrio* como fundamental. Este, como exposto, é entendido como um processo dinâmico e não estático. São múltiplas as causas que possuem incidência sobre este estado psicossomático do indivíduo: a dieta, o sono, o exercício físico, as relações pessoais, sociais, familiares, além das circunstâncias geográficas, cosmológicas e ambientais. A doença, nesta perspectiva, não é considerada o resultado de um agente intruso ou de uma única causa, mas o resultado de um conjunto de fatores que provocaram uma desarmonia prioritariamente bioenergética, e apenas posteriormente de ordem bioquímica e orgânica. Portanto, o objeto básico da proposta terapêutica da Naturologia é o indivíduo doente, e não a doença, propriamente dita.

A noção de saúde como um estado de equilíbrio, em nossa tradição, está muito presente na medicina hipocrática, que definia saúde como um balanço ou equilíbrio de certos humores e qualidades relacionadas aos quatro elementos: água, fogo, terra e ar. Na tradição chinesa seriam cinco: madeira, fogo, terra, metal e água. O que os gregos chamavam de *eucrasia* era justamente a medida equilibrada destes humores

ou qualidades no organismo. Ultrapassado um limite de variação desejável, o excesso ou a carência de algum destes aspectos seria capaz de gerar um desequilíbrio designado pelos gregos de *discrasia*, gerador de inúmeras enfermidades. Portanto, a noção de doença dos gregos antigos, que corresponde em grande medida aquela dos chineses e dos hindus, não está focada em classificações patológicas, como faz a medicina moderna, mas antes no fenômeno holístico de equilíbrio dinâmico individual, que está relacionado a uma gama de fatores bioenergéticos observáveis. Dentro destas causas estão os fatores sanitários, alimentares e psíquicos, como comentamos. Este último fator, tradicionalmente negligenciado pela medicina moderna é objeto de estudo primordial das medicinas tradicionais, já que conflitos de ordem psíquica podem ser causas diretas de muitos *processos* patológicos. Destaco a palavra “processos” para reiterar que dentro deste enfoque, as patologias não são eventos determinados, mas sim processos de desequilíbrio.

É importante frisar que o restabelecimento do equilíbrio dinâmico, em parte, está baseado na natureza mesma. Para todas as medicinas tradicionais o corpo tem uma teleologia própria, de forma que direciona suas atividades orgânicas tendo em vista uma homeostase ativa. Em outros termos, considera-se como princípio uma tendência natural de todos os organismos em adquirir um estado dinâmico de equilíbrio, ou uma *capacidade de autorreparação*. Isto significa que a melhora de qualquer quadro sintomático sempre ocorrerá devido à capacidade que o próprio organismo tem de se restabelecer. Este pressuposto, presente nas práticas médicas tradicionais foi modificado radicalmente na clínica médica moderna em que o foco terapêutico não será tratar de ajudar a força curativa da natureza mesma a manifestar-se, mas, por outro lado, apostará na intervenção medicamentosa como forma privilegiada de derrotar “as doenças”.

Em outra direção, a finalidade do tratamento natrológico, em compasso com as medicinas naturais ou tradicionais, será sempre contribuir para a melhor adaptação possível do indivíduo em seu meio como um todo, procurando estabelecer um método que seja

capaz de favorecer sua homeostase ativa, aumentando sua capacidade de resposta ante os agentes agressivos externos e internos. A palavra que traduz este ato de manipulação constante ao equilíbrio, e não uma intervenção descontínua a partir de um padrão patológico à normalidade chama-se *cuidado* e não cura.

Portanto, deve-se ter claro que o conjunto de práticas terapêuticas que a Naturologia desenvolve, em suas diversas modalidades, apresenta-se como um rico arsenal prático de manipulação contínua da saúde em vistas ao equilíbrio dinâmico do homem. Sem dúvida, estas práticas só puderam ser desenvolvidas pelo modo como uma teoria das doenças (patologia) e das atividades normais (fisiologia) foram compreendidas nas diversas tradições médicas, sobretudo, a hipocrática, a chinesa e a ayurvédica. É importante ressaltar que falamos muitas vezes em doença pelo hábito, porém dentro destes enfoques a noção de doença perde força, dando espaço à pessoa em sua integralidade, no centro da atenção terapêutica. Os sinais e sintomas que apresenta sempre devem ser relacionados a um grande conjunto de fatores sociais, emocionais, familiares, sanitários e ambientais que têm influência decisiva sobre o seu estado de saúde global. Este paradigma peculiar de focar a terapêutica no indivíduo e não na doença, além da proposta terapêutica continuada, legitima o exercício do cuidado como diretriz clínica da Naturologia dentro da área da saúde, através da utilização dos recursos e práticas naturais, que buscam sua inserção de forma integrativa dentro dos produtos e serviços da saúde pública no país. A prática do cuidado, por sua vez, como bem aponta Madel Luz<sup>4</sup> (2003), deve ser pensada sempre em suas duas possibilidades, tanto do *ser cuidado*, como na forma do *autocuidado*, potencializado em uma relação terapêutica através do trabalho de educação e saúde.

## EDUCAÇÃO E SAÚDE:

### O NATURÓLOGO COMO EDUCADOR

Na tarefa de proporcionar bem-estar, equilíbrio e saúde para o interagente, o naturólogo irá se deparar com seu maior dever profissional: o de educador em saúde. Isso porque a eficiência do programa te-

rapêutico estará diretamente relacionada à atitude favorável do interagente em colaborar no processo de forma ativa, vale dizer, levar a sério as necessidades de transformação cotidianas e circunstanciais incidentes nos processos de desequilíbrio energético. Estas transformações que acontecem no processo terapêutico só serão possíveis se o naturólogo for capaz de estabelecer uma relação terapêutica educativa, onde o interagente e o naturólogo possam trocar experiências e conhecimentos a fim de permitir metamorfoses.

Com efeito, a etimologia da palavra “doutor” significa professor, mestre, do latim – *docere*. Assim, todo naturólogo deve ser capaz de criar um ambiente educativo, de honestidade e confiança mútua que favoreça o autoconhecimento e o desabrochar das potencialidades do Ser. O naturólogo, como educador em saúde, sempre deverá enfatizar a responsabilidade que o interagente tem não só pelo estado e condição de sua saúde, mas pelas suas escolhas, pela sua conduta e pelos caminhos que delibera, pelas circunstâncias que lhe ocorrem. O educador naturólogo deverá sempre colocar o interagente na posição de espectador de si mesmo, de agente próprio das suas escolhas, responsável por suas consequências, ciente do poder que tem, como consciência transformadora da realidade que cria pra si, como ser no mundo.

### O ENFOQUE EPISTEMOLÓGICO

Se pretendermos estabelecer definitivamente a Naturologia como uma nova área de conhecimento dentro das tecnologias em saúde, é fundamental esclarecermos em que sentido seu conhecimento é válido. A preocupação em tornar os conhecimentos em Naturologia confiáveis e legítimos, em compasso com as outras áreas do saber, levanta uma série de questões referentes a uma área chamada de epistemologia. *Episteme* em grego quer dizer conhecimento, um tipo de conhecimento especial na medida em que se opõe ao que em grego denomina-se *doxa*, ou mera opinião. Neste sentido, a epistemologia é a discussão acerca dos critérios de justificação de todo conhecimento que se julga legítimo.

Estabelecer os fundamentos epistemológicos da Naturologia apresenta-se como um dos pontos mais importantes para que possa ser reconhecida e estimulada dentro de nossa cultura e política nacional de saúde. A Naturologia apenas poderá trilhar um caminho seguro, legal e próspero se conseguir, de forma absoluta, provar sua validade, eficiência e valor ao lado dos campos de conhecimentos já estabelecidos. Esta tarefa dependerá de um grande esforço dos naturólogos na construção de uma comunidade que possa avaliar e estabelecer os conhecimentos de sua área, promovendo continuamente trabalhos de pesquisa e extensão, congressos e eventos que discutam e desenvolvam seus conhecimentos em consonância com os avanços científicos e tecnológicos atualizados.

Embora o conceito de Naturologia sugira estarmos diante de uma ciência (*logia*) que versa sobre a natureza (*natura*), a Naturologia não se estabelece como uma ciência natural no sentido de elaborar e construir conhecimento sobre o mundo e seu funcionamento, portanto, não deve ser entendida nem como ciência básica, nem como ciência aplicada. Mas se a Naturologia não pode ser uma nova ciência, o que de fato ela é? Qual o seu lugar próprio nos diferentes campos de investigação?

Grande parte da confusão e dificuldade em abordar as questões referentes ao conhecimento dentro do campo naturológico reside na falha em visualizarmos que a teoria e a prática neste campo exigem epistemologias distintas. A clareza sobre esta questão é de extrema urgência para progredirmos na construção de conhecimento das práticas naturais, assim como no desenvolvimento de formas de aplicá-las de forma excelente, atreladas a uma abordagem terapêutica responsável e ética.

O naturólogo é um profissional que estuda as medicinas tradicionais e outras práticas e tecnologias terapêuticas eficientes. Portanto, é um profissional que deve conhecer os fundamentos teóricos destas medicinas, saber interpretar desequilíbrios e a partir de uma avaliação bioenergética e de um processo de interagência adotar uma terapêutica que julga mais eficiente mediante os critérios observados. Assim, a

práxis naturológica, dentro desta perspectiva, pode ser dividida em dois momentos. O primeiro deles refere-se aos estudos das medicinas tradicionais e das inúmeras tecnologias terapêuticas de que faz uso. O segundo momento é a abordagem terapêutica em si, que inclui o *processo de interagência* e a execução do trabalho prático com as terapias naturais.

O que pretendo aqui deixar claro é que estes dois momentos da Naturologia, sua atividade teórica e prática exigem epistemologias distintas. Esta característica, sem dúvida torna a Naturologia uma área peculiar e bastante contemporânea dentro das tecnologias em saúde. Estas duas epistemologias reunirão de um lado a relação íntima e irredutível da Naturologia com a ciência (vale dizer, seu caráter tecnológico, e não meramente técnico) e, por outro lado, no momento da interagência, sua prática exigirá uma abordagem de caráter hermenêutico (interpretativo), pautada em outro *ethos*, já que reconhece os limites do método naturalista ao lidar com os fenômenos humanos.

Assim, a Naturologia exige ciência para ser a tecnologia em saúde que é, mas em sua prática, ao se deparar com um ser humano complexo, reconhecerá os limites da epistemologia naturalista do cientista e pragmatista do tecnólogo, necessitando colocar em jogo outras finalidades cognitivas para realizar um processo terapêutico adequado, humanizado e eficiente. Vejamos estas diferentes fases mais de perto.

#### **PRIMEIRA FASE:**

##### **A NATUROLOGIA NATURALISTA**

Quando o naturólogo estuda as medicinas tradicionais e as práticas naturais, deve, como finalidade de seu estudo, ser capaz de compreendê-las de forma coerente e fundamentada. Deve ser capaz de conhecer as teorias básicas destas medicinas detalhadamente, sua fisiologia e fisiopatologia própria, de forma que possa utilizá-las em uma avaliação e diagnóstico bioenergético como guia para a escolha de métodos terapêuticos eficientes. Para tanto, deve compreender os fundamentos e leis que explicam seus mecanismos de ação. Com respeito às terapias complementares, deve ter amplo conhecimento das

bases científicas que as embasam, e as formas mais adequadas de utilizá-las em cada caso. Quando as práticas não possuírem algum tipo de fundamentação científica ou sistemática, sua utilização será justificada mediante a evidência de resultados eficazes. Isto quer dizer que, toda vez que uma terapia não científica se mostrar ineficaz em um dado tratamento, ela deverá ser substituída por outras técnicas que possam contribuir com as finalidades desejadas.

Portanto, nesta primeira etapa o naturólogo deve assumir uma postura científica e tecnológica, vale dizer, valorizar e priorizar aspectos cognitivos como a coerência, a precisão e a lógica do conhecimento, sua adequação empírica, e por outro lado, sua eficiência enquanto ferramenta terapêutica, ou seja, a simplicidade, a segurança e a economia dos métodos. Deve avaliar o conhecimento de forma objetiva, respeitando as regras para a aplicação excelente das práticas naturais, como o material mais adequado, o tempo de aplicação, os cuidados e contraindicações, etc. Sempre quando averiguar que uma regra de procedimento encontra-se equivocada ou obsoleta, o naturólogo deverá empenhar-se em pesquisas tecnológicas para reformulá-las ou adequá-las.

Este é um ponto importante que nos permite construir um critério para definir que tipos de recursos e práticas naturais podem fazer parte do arsenal teórico-prático do naturólogo. Dentre a infinidade das terapias naturais hoje existentes, o naturólogo irá buscar as teorias com maior capacidade explicativa sobre os processos bioenergéticos, deverá conceber as práticas que possuem mais respaldo científico, que possuam explicação e formas de ação sistematizadas, que guardem certo grau de coerência e sempre de biossegurança. Técnicas que se apresentam alheias a qualquer tipo de refutação, que não apresentam a possibilidade de serem testadas ou ao menos avaliadas em sua eficiência de forma objetiva, que possuam explicações divergentes aos conhecimentos científicos atualizados ou que sejam absolutamente avessas à ciência, não podem ser aceitas dentro de uma tecnologia em saúde como a Naturologia.

A Naturologia reunirá recursos naturais, terapias e outras técnicas que possam ser compreendidas,

explicadas, mesmo que estas explicações careçam de uma *completa* aceitação pela ciência atual, elas devem ser reflexos de conhecimentos sistematizados e, acima de tudo, demonstrarem ação eficaz para o tratamento de enfermidades de ordem energética e orgânica. Chamaremos a epistemologia deste primeiro momento da Naturologia de *naturalista*, em que o naturólogo adotará uma postura em consonância com as ciências naturais e os avanços tecnológicos, adotando seu rigor para a avaliação e construção de *conhecimento explicativo* sobre as medicinas tradicionais e as práticas naturais complementares. Agora devemos passar para o segundo momento da Naturologia que envolve o processo de interagência e abarca os limites de uma abordagem exclusivamente científica para compreender e avaliar as necessidades dos seres humanos, fundamentais no processo terapêutico.

## SEGUNDA FASE: A NATUROLOGIA HERMENÊUTICA

Se o naturólogo deseja apenas ser um conhecedor e um estudioso das medicinas tradicionais e das práticas naturais, ele pode restringir-se a uma epistemologia naturalista, tratando de compreender e explicar estas tradições terapêuticas e suas práticas de forma científica ou sistemática (logicamente compreensível, quando se tratar de racionalidades médicas distintas) para que possam ser inseridas em nossas instituições de ensino, em nossa cultura terapêutica e nos serviços públicos de saúde. No entanto, se o naturólogo deseja aplicar a Naturologia, se percebe sua vocação terapêutica em atuar concretamente com as práticas naturais, deve estar pronto para adotar uma abordagem que ultrapassa o *ethos* naturalista e colocar em jogo outra perspectiva em relação ao conhecimento. A razão desta dupla face epistemológica é muito simples e já podemos visualizar. Quando o naturólogo entra em cena para o atendimento, ele estará à frente não de leis e regras, de objetos, recursos naturais e práticas terapêuticas, mas sim de seres humanos complexos que trarão consigo um universo de informações, expectativas e conflitos psíquicos e orgânicos que o naturólogo

terá que lidar. Neste segundo momento, o naturólogo deixará por um momento sua tendência naturalista, e colocará em jogo novas finalidades cognitivas necessárias que demandarão outras habilidades imprescindíveis.

Em primeiro lugar, quando iniciar o processo de interagência, diga-se, a entrevista e a coleta de informações sobre os aspectos bioenergéticos do interagente, o naturólogo não deve procurar *explicá-los*, isto é, buscar as relações causais nas questões pessoais do interagente, ao menos não neste primeiro momento. A explicação, que em sua fase naturalista era o principal objetivo no estudo das medicinas tradicionais e das práticas naturais, isto é, a procura de relações causais que visam dar-lhes uma explicação, agora dará espaço para a *compreensão das relações humanas*. Para sermos capazes de compreender, daremos atenção ao conjunto de *significados* dos comportamentos e ações do interagente. Neste processo, a explicação cede lugar a um esforço *interpretativo* destes significados que o interagente atribui às suas ações, comportamentos, objetos ou à sua linguagem.

Significados, ou sentido é algo que é conferido às ações, expressões, objetos e eventos pela intencionalidade humana: o ser humano se propõe a agir (conduzir-se, produzir, expressar), com base em crenças e tendo propósitos. As suas ações, mais do que causadas são motivadas por aqueles fatores<sup>5</sup>.

Vale lembrar que os significados podem ser inconscientes, como nos ensina a psicanálise, e que o significado de ações, palavras, obras e eventos podem ser diferentes para o próprio agente, daqueles que o observam. Em todo caso, quando buscamos compreender, colocamos em cena o ato de *interpretar*, esta atitude levanta a possibilidade de atingirmos a subjetividade alheia. Assim, abre-se espaço para a valorização da esfera subjetiva do conhecimento, já que por trás do significado que procuramos compreender estão os propósitos, as crenças, os interesses, os desejos e os valores das pessoas.

A interpretação e seu produto, a compreensão, parecem exigir a *empatia*, “colocar-se no lugar do outro”, um gesto enganosamente óbvio, pois de um lado o praticamos diariamente, e de outro enuncia uma tarefa impossível. (...), a rigor, nunca poderemos sentir ou vivenciar exatamente o que a outra pessoa vivencia, ou ter exatamente as suas crenças<sup>6</sup>.

A aparente facilidade em colocar-nos no lugar dos outros se dá pela semelhança entre nosso modo de vida, muito embora quando estamos diante de pessoas de uma cultura, idade, época e classe social distinta, o caráter ilusório desta facilidade empática se faz presente. A pergunta que nos colocamos então é de extrema importância, como podemos lidar com a subjetividade do outro? Como realizar a empatia? Em muitos casos, deparamo-nos com ações “absurdas” ou comportamentos “irracionais”.

Assim, quando interpretamos com vistas a uma compreensão, os fatores socioculturais do naturólogo e do interagente serão questões cruciais para o processo terapêutico. Dentre estes fatores culturais, a linguagem e o processo de comunicação é o elemento mais importante. Estabelecer um processo comunicativo sem ruídos, em uma relação horizontal, de caráter educacional, livre de julgamentos de valor antecipados ou preconceituosos são alguns tópicos que merecem atenção em uma abordagem terapêutica ética e eficiente. Já que o caráter significativo das ações humanas nos remete a um “mundo” a que pertencem, vale dizer ao sistema de crenças, valores, normas, rituais e símbolos, os estudos culturais, sociais e antropológicos também devem fazer parte do desenvolvimento do naturólogo. Um artigo interessante que aborda estas questões foi publicado originalmente na Revista Cadernos Acadêmicos, em 2011, sob o título “Diálogos entre Naturologia e a Antropologia da Saúde”. Neste artigo enfatiza-se que:

A Naturologia é um campo interdisciplinar que conjuga saberes de ambas as áreas do conhecimento, ciências naturais e humanas. No entanto, o requisito à sua intervenção prática é a compreensão de um indivíduo humano, o interagente, ponto no qual o diálogo com as ciências humanas é imprescindível. Neste caso, a abordagem antropológica do ser humano, especialmente a antropologia da saúde, pode ajudar a Naturologia na construção de sua prática terapêutica<sup>7</sup>.

Portanto, é justamente pela dupla face epistemológica da práxis naturológica que estudos naturalistas e humanistas ganham destaque, reunindo conhecimentos de fisiologia, anatomia humana, com estudos sociais e antropológicos. Esta interdisciplinaridade característica da Naturologia visa formar profissio-

nais conscientes de seu papel em oferecer um tratamento em saúde humanizado, atribuindo peso equivalente aos aspectos sociais e culturais em relação aos sintomas físicos e perturbações orgânicas. Todos estes aspectos são compreendidos como parcelas de uma pessoa integral, inserida em um meio ambiente natural e social, que sofre influências de ambas as esferas incidentes em sua condição de saúde global.

A abordagem destas duas perspectivas epistemológicas não pode se esgotar por aqui. Ao contrário, a breve exposição deste tema deve colocar em evidência estas características epistemológicas distintas, para que tenhamos mais clareza em desenvolvê-las, cada qual dentro de seus contextos. Ao criticar os limites da ciência em uma práxis naturo-lógica, não significa que devemos abandonar o *ethos* científico tradicional, naturalista, explicativo, mas sim, saber que na prática terapêutica, a explicação deve dar lugar à compreensão. Temos agora um grande desafio pela frente: construir metodologias para o trabalho com as práticas naturais e modelos de intervenção terapêutica, baseados em outros consideratos. Desta forma estudos no campo da psicologia e da fenomenologia podem contribuir de forma determinante para uma intervenção terapêutica adequada. Deixo aqui esta sugestão para trabalhos futuros que desenvolvam estes temas com a profundidade que lhe é necessária.

## PRÁTICAS COMPLEMENTARES E INTEGRATIVAS E MEDICINA ALTERNATIVA

Uma breve menção à polissemia conceitual sobre as medicinas não hegemônicas em nosso sistema de saúde se faz necessária. Um termo usualmente utilizado para designar saberes e cuidados em saúde que não pertencem ao universo biomédico é de “Medicina Alternativa”. Madel Luz (2003) em referência a este conceito sustenta que o nome medicina alternativa se tornou uma etiqueta institucional referindo-se a todas as propostas de resolver problemas de adoecimento diversas da medicina científica, geralmente adversas a mesma.

Esclarecemos que embora as medicinas como a Chinesa, a Ayurvédica, a Antroposofia e a Nova Me-

dicina Germânica, por exemplo, possam ser utilizadas como medicinas alternativas ao tratamento médico convencional, o naturólogo apropriar-se-á de suas teorias e técnicas sempre de forma *complementar e integrativa e não alternativa*, já que, estas tradições médicas, para serem utilizadas de forma estritamente alternativa, merecem anos de estudo e dedicação *exclusiva*. Na China e na Índia, aonde são amplamente utilizadas, os profissionais necessitam de, ao menos, cinco anos ou mais de estudo teórico e experiência prática profissional para dominar sua práxis médica específica de alto grau de complexidade. Pela forma que o curso de Naturologia está estruturado, seu objetivo não visa formar profissionais que trabalhem com estas medicinas de forma alternativa, mas capazes de compreender e aplicar muitas de suas técnicas de forma complementar num dado programa de tratamento efetivo. Não obstante, nada impede que o naturólogo possa buscar formação especializada em uma destas medicinas, para que possa, apenas desta forma, utilizá-las como alternativa em relação a métodos convencionais.

Já o termo *complementar*, como o próprio nome diz, é utilizado em referência às práticas terapêuticas desenvolvidas em conjunto com intervenções biomédicas de forma a complementá-las e não substituí-las, embora em função da sua eficiência, isto possa vir a acontecer. Quando dizemos que estas práticas são *integrativas*, por outro lado, estamos nos referindo a um conjunto de práticas terapêuticas provenientes de outras racionalidades médicas ou que não fazem parte do arsenal de tratamento médico ortodoxo, mas que podem ser a ele integrado de forma eficiente em um dado programa de tratamento. Para que isso seja possível, devemos romper com as barreiras intransponíveis entre a medicina ocidental e outras racionalidades médicas, para que possam encontrar um solo comum que favoreça o diálogo e a integração de suas ferramentas terapêuticas. Este “solo em comum” a que me refiro é a utilização de uma linguagem lógica e racional, vale dizer, que permita a compreensão intersubjetiva e, por conseguinte, a aceitação de terapias provenientes de tradições antigas e tradicionais que assumem outro

formato em relação ao paradigma biomédico hegemônico. Cabe, portanto, aos naturólogos, junto com outros terapeutas naturais, desenvolverem estes conhecimentos e técnicas de forma a explicar suas bases teóricas e dar razão à sua eficiência, dentro de uma linguagem lógica, (salvaguardando sempre o sentido próprio de suas noções elementares) necessária para torná-las, de fato, integrativas em nossos serviços de saúde.

## **NATUROLOGIA, CIÊNCIA E AS MEDICINAS TRADICIONAIS**

Ainda necessitamos dar conta de uma pergunta fundamental: como é possível caracterizarmos a Naturologia como uma tecnologia em saúde, se os pilares teóricos que sustentam suas técnicas não podem ser caracterizados, ao menos de forma integral, pela comunidade científica, como ciência propriamente dita?

Esta é uma pergunta fundamental porque está relacionada com a justificação própria da existência do curso nas academias de ensino superior e da profissionalização do naturólogo no país. Sabe-se que o curso de Naturologia surgiu de forma institucionalizada no final da década de noventa com o propósito de formar profissionais capacitados em trabalhar com as práticas naturais de forma rigorosa e eficiente. Formar tecnólogos das práticas naturais e não apenas técnicos, como era costume os profissionais nesta área serem formados em cursos subsequentes de curta duração. Era preciso fundamentar e sistematizar as práticas, criar centros de pesquisa e investigação rigorosos no que toca os serviços de saúde ligados às terapias naturais.

O fato de a academia trazer o estudo sistemático de disciplinas e áreas do saber ligadas a culturas distintas, baseadas em epistemologias não hegemônicas foi e ainda é um enorme desafio, pois precisamos dar conta de fundamentar uma estrutura epistemológica que legitime estas áreas dentro de um sistema cartesiano de construção de conhecimento tradicionalmente consolidado.

Os esforços para adequar a Naturologia ao sistema de pesquisa e formação vigentes é importante e deve ser estimulado para fomentarmos a profissão e con-

quistarmos um lugar definitivo ao lado das outras tecnologias em saúde, no entanto, devemos ter em mente que haverá sempre uma barreira intransponível que torna a Naturologia única, salvaguardando sua originalidade epistemológica. Isso porque as áreas do saber de que se ocupa possui uma estrutura filosófica, cosmológica, epistemológica e linguística distintas. O fato de lidarmos com linguagens não unívocas entre as áreas dos saber científico torna a integração da Naturologia às outras áreas uma tarefa filosoficamente complexa. Em outras palavras, um enfermeiro pode conversar sobre um quadro clínico com um médico, com o farmacêutico, com o bioquímico e eles se entenderão dentro de uma linguagem que de que participam, repleta de conceitos técnicos especializados. O naturólogo não articulará a mesma linguagem, pois lida com outra parcela da realidade humana, original em nossa ciência e sistema de ensino na área da saúde: a esfera bioenergética do ser.

Esta dificuldade apresenta alcances e limites. Se por um lado dificulta a integração da Naturologia dentro de nosso modelo epistemológico de construção do conhecimento, ao mesmo tempo, oferece novas possibilidades que podem somar e ampliar nossa visão da saúde humana. Uma delas é o trabalho em articular os conhecimentos das medicinas tradicionais de forma sistemática e rigorosa em nosso sistema de ensino e serviços de saúde. O naturólogo será este profissional cuja responsabilidade é traduzir os conhecimentos destas racionalidades médicas complexas em uma linguagem articulada, sistemática e passível de ser compreendida intersubjetivamente, em uma comunidade de pessoas que dividem as mesmas noções teóricas peculiares.

Já passamos de um longo período de negação das medicinas tradicionais em nossa cultura. Todos os países mais desenvolvidos hoje estimulam e fomentam estes serviços e ampliam, de forma crescente, o acesso da população aos seus benefícios. Felizmente este é o caso do Brasil e de outros países latino-americanos. Se não podemos mais negligenciá-los por não se adequar a nossa ciência convencional, devemos ao menos dar-lhes um sentido sistemático para promovê-los em nossas instituições sociais. As demandas

sociais por este tipo de serviço é crescente, dado a intensa crise da saúde humana em nossa sociedade moderna, crise esta que se estende aos serviços de saúde hipertecnificados e desumanizados. Este é apenas um dos papéis desse novo profissional que se configura: a tarefa em possibilitar a integração de novos conhecimentos complexos na forma como concebemos a saúde humana e sua manutenção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao definirmos a Naturologia como uma tecnologia em saúde, sabemos que deve valorar a ciência como fundamento de seu conhecimento. Sem ciência não há tecnologia, apenas técnica. A ciência, portanto, será o solo que possibilitará o desenvolvimento deste campo de conhecimento. A ciência aqui entendida como uma *logia*, isto é, discursos sistematizados, objetivos e que guardam uma lógica e racionalidade intersubjetivamente compreensíveis. A linguagem utilizada na fundamentação das técnicas naturológicas sempre deverão guardar os valores próprios da atividade científica, a clareza e a objetividade. Portanto, o naturólogo deverá buscar as teorias que fomentem a tradução dos conceitos místicos e esotéricos para uma lógica didática e sistemática. Sem isso o ensino destas medicinas é impossibilitado, com prejuízo na formação e na eficiência dos serviços prestados por estes profissionais.

Muito embora seja importante ressaltar que a tradução das medicinas para uma epistemologia mais cartesiana ou ocidentalizada não pode, de forma alguma, transformar o sentido próprio das teorias médicas tradicionais. Não podemos ressignificar conceitos e noções modificando completamente seu sentido original. Quando não encontramos equivalentes em nossa linguagem e formas de sistematizar e fundamentar logicamente as técnicas médicas, devemos dar razões de sua utilização pela sua eficiência empírica. Somente demonstrando a utilidade e eficiência destas técnicas é que poderemos continuar a utilizá-las dentro de um planejamento terapêutico determinado.

Se a ciência é o solo fértil que possibilita esta nova tecnologia em saúde, as medicinas tradicionais

bioenergéticas seriam as raízes que a nutrem. As medicinas tradicionais devem ser entendidas como o foco principal de estudo dos naturólogos. São os sistemas médicos complexos que permitem uma compreensão da fisiologia do sistema bioenergético, sua estrutura, funcionamento e manifestações sindrômicas de desarmonia. O conhecimento apurado dos fundamentos destas medicinas é o que permitirá o naturólogo realizar a interagência e compreender os processos de desarmonia energética do interagente e optar pelas práticas mais adequadas de intervenção terapêutica. Sem o conhecimento das medicinas tradicionais o naturólogo seria um mero aplicador de técnicas e bastante limitado nas condições de avaliação diagnóstica e terapêutica necessárias. Como sabemos uma árvore sem raízes não se cria e não pode florescer.

Por fim, neste artigo buscou-se ressaltar que Investigar os métodos para promoção e cuidado com a saúde e saber aplicá-los a cada ser humano, reconhecendo suas necessidades, levando em conta, sem prejuízo, as variáveis dos aspectos biopsicossociais que integram a vida e o mundo de cada um, exige uma postura do naturólogo que ultrapassa os limites da teorização e objetividade científica. Isto é, a Naturologia assume que a construção de conhecimento não pode ser tecida apenas sob uma perspectiva científica aos moldes naturalistas. O naturólogo é um profissional que possibilita um encontro onde as pessoas envolvidas se percebam como agentes criadores de conhecimento e transformadores de realidades. Através da educação, o naturólogo orienta o interagente a estar no mundo de forma mais saudável, defendendo, afirmando e ampliando cada vez mais a vida. Neste mesmo processo o naturólogo sempre aprende com o interagente, com seus conhecimentos, experiências, transformando-se a cada relação. Cumprindo com seu papel educativo, o naturólogo dentro da área da saúde, tem como objetivo promover novos conceitos e práticas para manutenção e promoção da saúde, em termos qualitativos e quantitativos, através de uma metodologia do cuidado, isto é, atendendo continuamente, com atenção e zelo para manter o estado de saúde de seu interagente.

## CONFLITOS DE INTERESSE

Declarou não haver.

## FONTES DE FINANCIAMENTO

Declarou não haver.

## REFERÊNCIAS

- 1 Azevedo E, Pelicioni MCF. Práticas integrativas e complementares de desafios para a educação. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9 n. 3, p. 361-378, nov.2011/fev.2012.
- 2 Canguilhem G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- 3 Silva FM. *Histórico da naturologia: texto complementar para o curso do Instituto Anima, Santo Amaro, 2004.*
- 4 Luz MT. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva*. São Paulo, Editora Hucitec, 2003.
- 5-6 Cupani AO. *Filosofia da ciência*. Florianópolis: FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2009.
- 7 Mor ACMBL, Wedekin LM. Diálogos entre naturologia e antropologia da saúde. *Cad. acad. Tubarão*, v. 3, n. 1, p. 4-23, 2011.